

Editorial^[1]

O presente estudo focaliza uma classe específica de pacientes; proponho lidarmos com algo que faz parte das aparências externas, indicando a presença de curiosidade, arrogância e estupidez como evidência de um desastre psicológico. Desejo atribuir um significado ao termo “arrogância” sob a seguinte suposição: caso prevaleçam os instintos de vida em uma personalidade, orgulho se torna respeito por si mesmo; quando prevalecem instintos de morte, orgulho torna-se arrogância.

— Wilfred Bion, “Arrogância”, in *No entanto... pensando melhor*

Haveria algo mais familiar a uma sala de análise do que a intimidade com desastres psicológicos? A atividade cotidiana do analista não consiste em grande parte em rastrear focos de vida por entre escombros? Fazer o rescaldo de desastres, por entre restos e rastros divisar, distinguir onde há vida?

No texto trágico Édipo Rei, essa questão atravessa a história em desdobramentos, frequentemente opondo arrogância e desamparo.

Freud, por meio desse mito, funda a psicanálise. Bion, em releitura, explora e expande essa questão, centrado no binômio mencionado. São cegos, a princípio, em diálogo, Édipo e Jocasta. O “Conhece-te a ti mesmo” faz parte da travessia dos atores em cena.

Ora, não te preocupes com o que dizes; ouve-me, e fica sabendo que nenhum mortal pode devassar o futuro. Vou dar-te já a prova do que afirmo. Um Oráculo outrora foi enviado a Laio . . . O destino do rei seria o de morrer vítima do filho que nascesse do nosso casamento. . . . Nem o filho de Laio matou o pai, nem Laio veio a morrer vítima de um filho. Eis aí como as coisas se passam, conforme as profecias oraculares! Não te aflijas, pois o que o deus julga que deve anunciar, ele revela pessoalmente. (p. 42)^[2]

Freud propõe o modelo da tríade edípica como constituinte do psiquismo e a partir desse modelo ilumina a potência da sexualidade como força motriz da existência humana. Bion expande o modelo considerando a vocação do ser humano para a investigação da verdade.

Édipo: Mas, que dizes, afinal? Não te compreendo bem! Vamos? Repete tua acusação!

Tirésias: Afirmo que és tu o assassino que procura.

1. As editoras agradecem a participação de Sandra Nunes Caseiro, membro efetivo com funções didáticas da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto e antiga editora da *Bergasse 19*, pelas discussões e contribuições para a confecção deste editorial.

2. Sófocles. (1997). Rei Édipo. In Sófocles & Esquilo, *Rei Édipo; Antígone; Prometeu acorrentado* (J. B. Mello e Souza, Trad.; 18a ed.). Ediouro. (Trabalho original publicado em c. 427 a.C.)

...

Édipo: Tu vives na treva . . . Não poderias nunca ferir a mim ou a quem quer que viva em plena luz . . . Quem poderá suportar palavras tais? Vai-te daqui miserável! Retira-te, e não voltes mais. (p. 30)

Contudo, o percurso para o conhecer a verdade de si mesmo como encarnado por Édipo, próprio ao trabalho psicanalítico como também à própria vida, acontece em movimentos de busca/evitação, em processos de conhecer/desconhecer, tolerar/negar, alcançar/falsificar. A curiosidade original estará sempre em risco de deterioração, dependente da condição de tolerância à realidade e à verdade – às vezes insuportável verdade.

A verdade impossível/insuportável pode queimar e furar os olhos e todo o aparelho perceptivo mental, danificando a própria possibilidade de conhecer. O processo de conhecer pode ser substituído por um “conhecimento” pronto estabelecido, moralista e implacável, desembocando em arrogância e estupidez.

A consideração pela verdade está intimamente ligada/conjugada com a consideração pela vida e expressa em compaixão. Não a compaixão religiosa, sentimental, clichê, mas a compaixão do “sentir junto com o outro”, estar uno em direção ao ser quem se é, a quem se pode ser.

Ao longo do percurso edipiano/humano e suas encruzilhadas, como sustentar vida e verdade, sempre lidando com os riscos de assassinato e atuações?

O método psicanalítico, potente e ao mesmo tempo vulnerável, se propõe como instrumento de trabalho e de sobrevivência, concentra em si tanto a potência da investigação, da observação e da constituição do conhecer como a vulnerabilidade ao ódio pelo conhecer, pela realidade e pela própria capacidade de suportar, tolerar e transformar emoções impossíveis. No trânsito entre potência e vulnerabilidade se desenrola a clínica psicanalítica, a clínica desafiadora que nos demanda mais investigação e rigor, curiosidade que nos inspire a buscar antídotos para arrogância e estupidez com a convicção de que nunca estaremos a salvo, como psicanalistas e como humanos.

A partir dessas fundamentais inquietações, colegas autores dos artigos deste número nos apresentam reflexões que se abrem para propostas originais de trabalho psicanalítico na sala de análise e como recurso para pensar o humano em suas relações sociais.

Civitarese abre o número com “Novas perspectivas sobre a teoria do campo analítico”,^[3] onde expressa muito da evolução de suas investigações e reflexões nos últimos anos. Do ponto de vista do autor, indo ao encontro das evoluções do pensamento do próprio Bion, a frase da epígrafe “uma classe de pacientes” poderia ser reconsiderada na proposição de que não há um paciente e um analista, mas uma dupla em interação, numa contínua interação inconsciente/consciente promovendo transformações não em um ou outro, mas no todo da dupla. A arrogância ou

3. O trabalho de Civitarese pode ser lido em português na edição impressa e on-line da revista, e no original em italiano na edição on-line.

intolerância não é do paciente ou de uma classe de pacientes, mas produção que emerge da dinâmica da interação. Já em 1965, Bion colocava:

Em psicanálise, qualquer O [a experiência emocional da dupla analista/analizando em dado instante da sessão] que não seja comum tanto ao analista como ao analisando, e portanto não esteja disponível para ser transformado por ambos, pode ser ignorado como irrelevante para a psicanálise. Qualquer O que não seja comum para ambos é impróprio para investigação psicanalítica. (p. 64)^[4]

Abrir mão do conhecido, das certezas seguras e arrogantes para aguardar e acompanhar a evolução do desconhecido é o desafio da dupla de trabalho. O artigo traz uma rica visão de alguns desenvolvimentos teórico-clínicos da psicanálise contemporânea, com o mérito de comunicar ideias complexas de forma acessível e útil, relacionando-as sempre, com sensibilidade e criatividade, a experiências clínicas.

Seguindo o movimento de expansão do conhecimento psicanalítico, abrindo mão de eventual “arrogância epistemológica”, nas palavras da própria Maria Elizabeth Mori (Beth Mori), a autora de “Sexualidade: de Freud à contemporaneidade” traz reflexões necessárias ao nosso tempo e antecipa a proposta do próximo Congresso Brasileiro de Psicanálise, que elegeu o tema “Sexualidade: o tumulto das diferenças”.

Em “‘Simples espera’: reflexões sobre a prática psicanalítica”, Maria Aparecida Sidericoudes Polacchini ilustra com a riqueza da clínica a fundamental capacidade de espera, a tolerância ao desconhecido, como proposta por Bion. Buscando sustentar o desenvolvimento do pensar, em que cada nova concepção se abre para uma pré-concepção, destaca o valor de manter a indagação aberta.

Ana Rita Nuti Pontes, com seu trabalho “Espera/esperança: a sala de espera no fluir do viver”, vem em sintonia com as observações de Polacchini, considerando as condições da mente para sustentar esperar ou não. Discute que, a partir das fantasias conscientes ou inconscientes que emergem no espaço-tempo da espera, poderão surgir a capacidade de sonhar/pensar ou estados de apatia avassaladora, que se traduzem, possivelmente, em estados de esperança ou desesperança.

Sandra Nunes Caseiro fecha a tríade de artigos em que se discutem a tolerância e a condição de espera com “Afetos em emergência: a vida como uma contínua sala de espera”. O artigo trata das transformações próprias ao tempo do “viver” e suas vicissitudes, condições de elaboração de luto, capacidade de amar e a experiência do tempo na individualidade de cada experiência emocional.

Com “Patologia clínica e patologia social”, a revista *Berggasse 19* homenageia Suad Haddad de Andrade, pioneira da psicanálise em Ribeirão Preto que já em 2004 antecipava em seu texto questões que continuam relevantes e atuais em 2024. Suad permanece atual, tanto no sentido de discutir o engajamento social do psicanalista quanto no sentido de nos alertar para cuidar de possíveis posturas arrogantes da

4. Bion, W. R. (2004). *Transformações: do aprendizado ao crescimento* (P. C. Sandler, Trad.; 2a ed.). Imago. (Trabalho original publicado em 1965)

psicanálise expressas em visões perigosamente simplistas. Agradecemos especialmente aos editores da *Revista Alter*, publicação oficial da Sociedade de Psicanálise de Brasília onde o artigo foi originalmente publicado, pela cooperação científica ao autorizar sua republicação.

Na seção Infância e Família, Ana Flávia de Oliveira Santos traz, em seu artigo “Das reverberações da gestação da analista”, o trabalho de elaboração da dupla analista-analisanda a respeito da turbulência causada pela gestação da analista. Conceitos psicanalíticos, em especial a cesura de Bion, auxiliam a discussão, bem como a articulação sonhante com um conto de Clarice Lispector.

Na seção Psicanálise em Língua Portuguesa, Luciana Marchetti Torrano nos traz um artigo que dialoga com o texto de Suad Andrade 20 anos depois. Em “Arrogância e corrupção: reflexões sobre as heranças coloniais do Brasil”, a autora discute, através dos textos sociais de Freud, a herança colonial perversa que fez e faz sofrer povos originários e parcelas vulneráveis da população. Relaciona perversidade, arrogância e sofrimento, lançando mão do conhecimento psicanalítico para auxiliar a compreensão de estruturas sociais que se repetem ao longo do tempo sem elaboração.

Neste número contamos com a resenha de Marilucia Melo Meireles sobre o livro *O êxtase das coisas: o destino imaterial do mundo real*, de Walter Trinca, lançado ao final de 2023. Marilucia nos convida a conhecer o tema que vem tangenciando a obra do autor através dos anos e agora se apresenta em sua inteireza, mantendo seu rigor habitual. Um convite a novas experimentações que pedem o abandono de materialidades para acessar o que Trinca denomina de *ser interior*.

Finalizamos nossa edição “Conversando com Maria Elizabeth Mori”. Conhecida como Beth Mori, nossa colega da Sociedade de Psicanálise de Brasília, atual coordenadora da equipe de curadoria do *Observatório Psicanalítico* (OP) e do podcast *Mirante*, da Federação Brasileira de Psicanálise, nos brinda com seu olhar afiado e preciso sobre a psicanálise contemporânea brasileira e seu percurso profissional, que inclui o doutorado em psicanálise e cultura e o trabalho com o OP, fertilizando reflexões ricas e necessárias à prática psicanalítica. A conversa ganhou em emoção por ter acontecido por ocasião da publicação do ensaio de número 500 do OP, trazendo a pungência do trabalho. Parabéns e vida longa ao *Observatório Psicanalítico*!

Ao elegermos o tema “Sobre a arrogância”, buscamos inspiração nos mitos originários da psicanálise. O trabalho acurado dos autores que trouxeram suas contribuições atualizou o originário psicanalítico, expressão da vitalidade de nossa disciplina, do conhecimento sempre em movimento que não se acomoda na arrogância de certezas estabelecidas, mas se mobiliza continuamente pelo desconhecido. Boa leitura a todos!

Alessandra Paula Teobaldo Stocche

Ana Cláudia G. R. de Almeida

Editoras Berggasse 19